UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO *CAMPUS* SOROCABA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Emanuella Domingues da Silva

OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ESCOLARIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA (2020-2023)

Sorocaba

2025

Emanuella Domingues da Silva

OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ESCOLARIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA (2020-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação para obtenção da Licenciatura em Pedagogia pela discente Emanuella Domingues da Silva, número de registro 743510, com orientação da Profa. Dra. Débora Dainez, docente do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da UFSCar Sorocaba.

Sorocaba

2025

Silva, Emanuella Domingues da

Os efeitos da pandemia de COVID-19 na escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista: uma análise bibliográfica (2020-2023) / Emanuella Domingues da Silva. -- 2025.
60f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Débora, Dainez.
Banca Examinadora: Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Teresa Cristina Leança Soares Alves
Bibliografia

1. Autismo. 2. Pandemia. 3. Escolarização. I. Silva, Emanuella Domingues da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

EMANUELLA DOMINGUES DA SILVA

OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ESCOLARIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA (2020-2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Sorocaba, 10 de outubro de 2025.

Orientadora

_____

Dra. Débora Dainez

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

_____

Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

_____

Dra. Teresa Cristina Leança Soares Alves

Universidade Federal de São Carlos

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todas as outras pessoas com deficiência que estão no caminho de se empoderar e fazer da educação também um lugar nosso.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a Deus e aos meus orixás por estarem sempre comigo nessa jornada, dando-me forças para conseguir seguir em frente sem desistir, insistindo e persistindo ao longo destes anos.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, pois desde meu nascimento não me deixou faltar nada. Com muito amor e carinho, deu-me coisas que ninguém pode tirar: conhecimento e discernimento entre o bem e o mal. Obrigada, mãe, por não desistir de mim e sempre me incentivar aos estudos, sem você eu não estaria aqui hoje. Te amo muito.

Agradeço minha psicóloga por ter me auxiliado na descoberta dos meus diagnósticos e por ter me ajudado a continuar viva, que sejamos vozes autistas ativas aonde estivermos.

Não menos importante, devo agradecer à minha orientadora, a quem conheci na Iniciação Científica. Ela foi extremamente importante na minha jornada científica, auxiliou-me de tantas maneiras diferentes e é uma pessoa incrível que me inspira a fazer mestrado e a não parar os estudos. Agradeço também, por mais uma vez tê-la como minha orientadora.

Por fim, agradeço a todos aqueles que participaram da minha jornada na academia. Cada um foi fundamental para que eu formasse o meu conceito de professora. Agradeço imensamente a vocês.

RESUMO

SILVA. Emanuella Domingues da. Os Efeitos Da Pandemia De COVID-19 Na Escolarização De Estudantes Com Transtorno Do Espectro Autista: Uma Análise Bibliográfica (2020-2023). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba - SP, 2025.

Este estudo aborda a temática da produção de conhecimentos em relação à escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no período da pandemia de COVID-19 (2020-2023). O objetivo é compreender os entraves gerados pela pandemia de COVID-19 nesse processo de escolarização, investigando as principais dificuldades enfrentadas no contexto escolar, suas repercussões nas práticas pedagógicas e as possibilidades de transformação e aprendizagem que emergiram nesse cenário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, em que foram utilizados os bancos de dados da BDTD e CAPES para a análise, com os seguintes descritores: “escolarização TEA pandemia” e “escolarização autismo pandemia”. Deve-se ressaltar que foi lida apenas a parte do resumo dos trabalhos devido à falta de tempo hábil para a leitura completa. No total foram encontrados 39 trabalhos, sendo 22 na base de dados BDTD e 17 na CAPES. Entretanto, 10 deles se repetiam entre as bases, sendo considerada apenas uma ocorrência de cada para evitar duplicidades, totalizando 29 trabalhos analisados. Percebe-se que a maioria dos trabalhos é de dissertações. Além disso, 27 trabalhos foram produzidos em universidades públicas, demonstrando a necessidade de defender uma educação pública, gratuita e de qualidade. A região Sudeste foi a que mais produziu trabalhos devido à maior concentração de universidades no país. Os temas específicos abordados foram: formação de professores, história de vida e trajetória escolar, práticas pedagógicas, processos de ensino-aprendizagem e tecnologias, com maior destaque para as práticas pedagógicas, ou seja, como professores e profissionais da educação lidaram com a pandemia de COVID-19. Em relação ao nível de ensino, a maioria dos trabalhos não informou qual nível estudou, mas houve destaque para a educação infantil e para mais de um nível. O mesmo fato ocorreu com a base teórica: 20 trabalhos não informaram suas bases; os que informaram se dividiram entre histórico-cultural do desenvolvimento humano e pedagogia freireana. Com relação aos enfoques metodológicos: 15 trabalhos não explicitam seus enfoques; entre os que informaram, houve destaque para o qualitativo, que é comum na área da educação. Em relação aos procedimentos metodológicos houve destaque para o estudo de caso. Considera-se que o processo de desigualdade social é um dos principais fatores que marcaram o ensino remoto emergencial. Apesar de todos os empecilhos que marcaram o contexto de pandemia de COVID-19, diversas foram as ações e estratégias criadas para a manutenção do processo educacional envolvendo os estudantes com TEA, tendo a pesquisa um papel importante nesse processo.

Palavras-chave: autismo; pandemia; escolarização.

ABSTRACT

This study addresses the issue of knowledge production regarding the schooling of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) during the COVID-19 pandemic (2020-2023). The objective is to understand the obstacles the COVID-19 pandemic created in this schooling process, investigating the main difficulties faced in the school context, their repercussions on pedagogical practices, and the possibilities for transformation and learning that emerged in this scenario. This is a qualitative bibliographic research study, in which the BDTD and CAPES databases were used for analysis, with the following descriptors: "schooling ASD pandemic" and "schooling autism pandemic." It should be emphasized that only the abstracts of the papers were read due to lack of time for a complete reading. A total of 39 papers were found, 22 in the BDTD database and 17 in CAPES. However, 10 of these were repeated across the databases, with only one occurrence of each being considered to avoid duplication, totaling 29 verified works. It is clear that the majority of the works are dissertations. Furthermore, 27 works were produced at public universities, demonstrating the need to defend free, high-quality public education. The Southeast region produced the most works due to the country's largest concentration of universities. The specific topics addressed were: teacher training, life history and school trajectory, pedagogical practices, teaching-learning processes, and technologies, with a greater emphasis on pedagogical practices, that is, how teachers and education professionals dealt with the COVID-19 pandemic. Regarding the level of education, most works did not specify the level studied, but early childhood education and more than one level were highlighted. The same occurred with the theoretical basis: 20 works did not specify their bases; those that did were divided between the historical-cultural aspects of human development and Freirean pedagogy. Regarding methodological approaches: 15 studies did not specify their approaches; among those that did, qualitative approaches, which are common in education, stood out. Regarding methodological procedures, case studies stood out. Consider that social inequality is one of the main factors that shaped emergency remote learning. Despite all the challenges of the COVID-19 pandemic, several actions and strategies were created to maintain the educational process involving students with ASD, with research playing an important role in this process.

Keywords: autism; pandemic; schooling.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de trabalhos selecionados do banco de dados BDTD..... 24
Quadro 2 – Relação de trabalhos selecionados do banco de dados CAPES. 29
Quadro 3 – Tipo de trabalho 32
Quadro 4 – Instituição de Ensino Superior em que os trabalhos foram produzidos.. 33
Quadro 5 – Distribuição regional do(a) pesquisador(a). 34
Quadro 6 – Relação de trabalhos encontrados por tema específico. 34
Quadro 7 – Nível de ensino abordado. 35
Quadro 8 – Relação de trabalhos encontrados por base teórica. 36
Quadro 9 – Relação de trabalhos encontrados por enfoque(s) e procedimento(s) metodológico(s). 36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE Atendimento Educacional Especializado.

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

BNCC Base Nacional Comum Curricular.

CAA Comunicação Aumentativa e Alternativa.

CASM Coordenadoria de Articulação em Saúde Mental.

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CDC Centro de Controle e Prevenção de Doenças.

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

COVID-19 Coronavírus Disease 2019.

DSM-5 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.ª edição.

DUA Desenho Universal para Aprendizagem.

EaD Ensino à Distância.

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente.

GT15 Grupo de Trabalho 15 em Educação Especial.

IC Iniciação Científica.

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC Ministério da Educação.

OMS Organização Mundial da Saúde.

PEI Plano Educacional Individualizado.

PGP Pequeno Grupo de Pesquisa.

PPP Projeto Político-Pedagógico.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

QI Quociente de Inteligência.

SAADE Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade.

TA Tecnologia Assistiva.

TEA Transtorno do Espectro Autista.

TGD Transtornos Globais do Desenvolvimento.

UFSCar Universidade Federal de São Carlos.

UNESP Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

ZDP Zona de Desenvolvimento Proximal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ASPECTOS SOBRE A CONDIÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO..... 17
2.1 O PROCESSO EDUCACIONAL DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO DA PANDEMIA 20
3 METODOLOGIA..... 23
4 RESULTADOS 24
5 DISCUSSÕES 39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 47
REFERÊNCIAS 51

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a temática dos efeitos da pandemia de COVID-19 na escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, por meio dele, será feita uma análise bibliográfica do período (2020-2023).

Primeiramente, o interesse pelo tema emergiu no âmbito pessoal e pedagógico. Enquanto pedagoga em formação, a autora busca experiências que ampliem a atuação nas áreas da Educação e da Educação Especial. Desde o ingresso na Universidade, a ação foi orientada no sentido de procurar caminhos que permitissem focalizar a questão da educação de estudantes com deficiência, sobretudo de estudantes com TEA, seja por trabalhos no contexto das disciplinas, como as matérias: Texto: leitura e produção, na qual foi produzido um modelo de artigo e um *podcast* em que o TEA foi escolhido como tema; também na matéria Metodologia de pesquisa em educação I e II, na qual se aprendeu como se pesquisa no campo educacional e científico; ademais, em Psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento humano, foi possível compreender o processo de aprendizagem dos estudantes não somente com TEA, mas também de estudantes sem deficiência.

Além disso, na matéria História da Educação, foi realizado um trabalho sobre a história das pessoas com deficiência, em que foi possível compreender os movimentos sociais e o processo de luta pela conquista de direitos da Educação Especial no Brasil e das pessoas com deficiência. Na matéria Fundamentos da Educação Especial, foi possível aprender sobre a teoria histórico-crítica de Vygotsky, além de compreender os principais aspectos e a história que permeiam os fundamentos da Educação Especial. Por outro lado, em Metodologia do Ensino de Arte, foi possível criar um poema sobre o *bullying* sofrido na infância como pessoa autista e apresentar aos colegas, em que a professora e a matéria deram voz ativa a uma pessoa com deficiência.

Por outro lado, na matéria Práticas Inclusivas e o Ensino de Libras, foi possível criar um memorial com todo o histórico de práticas inclusivas que marcaram o processo formativo da autora e, além disso, por meio das Libras, que a autora já utiliza em momentos de crise em que fica não verbal, foi possível aumentar o repertório e socializar com outras pessoas em Libras. Além de ter uma única professora com deficiência no curso, a autora se inspira nela para ser uma professora com deficiência também. Em Educação, Corpo e Movimento, foi possível realizar uma oficina com um

pouco de teoria e prática sobre por que corpos com deficiência são excluídos na escola e como se pode incluí-los por meio de práticas simples e atividades relaxantes. Foi uma experiência em que a autora agradece o espaço para novamente ter voz ativa e poder ensinar seus colegas.

Ademais, na matéria Políticas Públicas em Educação, foi possível analisar a Meta 4 do Plano Nacional de Educação, que se refere às pessoas com deficiência. Já em Produção do Conhecimento em Educação Especial, foi possível fazer um artigo do TCC para treinar a escrita científica, compreender o processo da produção científica e fazer uma apresentação aos colegas de sala. Além disso, em Teatro e Educação, foi possível ser incluída e ter contato com os colegas, questão que em outras matérias não costumava acontecer devido à própria exclusão social do TEA, na qual a inclusão nessa matéria ocorria quase de forma natural por intermédio da professora. Foi possível, ainda, desenvolver-se e preparar-se para aplicar conceitos aprendidos com seus futuros estudantes.

De outro modo, outras experiências que atravessaram o caminho da autora na graduação foram o estágio extracurricular, no qual a autora pôde acompanhar e ainda acompanha crianças com deficiência na escola, auxiliando-as na área pedagógica com atividades diferenciadas e também em aspectos inclusivos quando percebe que os colegas estão excluindo-as em sala e possui liberdade para intervir. Houve, também, uma pequena participação no “Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direito à Educação – Educação Especial” da UFSCar Sorocaba, na qual foi possível conviver com diferentes pessoas da Educação e estudar temas relevantes da área, o que despertou interesse pela Iniciação Científica.

Posteriormente, com auxílio da orientadora Débora Dainez, a autora escreveu seu projeto de pesquisa e foi aprovada no projeto de Iniciação Científica (IC) pela CNPq com bolsa, com a temática “A produção de conhecimento sobre a escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no GT15 de Educação Especial da ANPED”. Este projeto foi desenvolvido ao longo de 1 ano e apresentado em 2024 no evento XXX Congresso de Iniciação Científica, XV Congresso de Iniciação Científica em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação e III Congresso de Iniciação Científica do Ensino Médio, e publicado como resumo expandido pela própria UFSCar. Também foi apresentado e publicado como resumo expandido no evento da UFSCar: Colóquios de Políticas e Gestão da Educação. Foi uma experiência que a adentrou definitivamente no mundo científico.

Desde então, a autora produziu diferentes trabalhos científicos com apresentações como: Gênero e sexualidade na adolescência: a escola como um local de descobertas (evento: I Colóquio: Diálogos entre Gênero, Sexualidade e Educação); Pessoas transgêneros: o direito de uma vida digna (evento: IV Semana Internacional sobre Educação, Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Gênero); Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro Autista e a educação: uma análise (auto)bibliográfica; e O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista: uma liberdade de ser (ambos no evento: VI Semana Científica do Agreste Pernambucano).

O último evento marcante foi uma apresentação que a autora fez para aproximadamente 200 pessoas no Encontro do Grupo Condutor da RAPS Regional, com a apresentação também do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista: Uma liberdade de ser, graças à Coordenadoria de Articulação em Saúde Mental (CASM) junto à Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE), que lhe deram a oportunidade de conversar com diversos profissionais da área da saúde sobre o manejo de pessoas autistas e contar sua história.

Por fim, é importante destacar o lugar de fala e atuação da autora da presente proposta de pesquisa: uma pessoa autista que recebeu diagnóstico tardio e vivenciou os obstáculos no processo de escolarização, como a falta de suporte na relação de ensino. Pedagoga em formação e engajada com a causa, defende o direito à educação escolar de qualidade socialmente referenciada a todos e a cada um. Ocupando esse lugar, espera-se dar voz à temática como uma pessoa autista no Ensino Superior e contribuir com a produção de conhecimento sobre a educação especial escolar.

A relevância do trabalho se dá devido às especificidades do autismo que se sobressaíram em relação à metodologia de ensino durante o período pandêmico. Analisar e compreender como se dá a escolarização em situações emergenciais como essa é necessário, pois houve grandes impactos na escolarização de crianças neurotípicas e, na questão de crianças com deficiência, a pandemia de COVID-19 foi ainda mais impactante.

A realidade das pessoas com TEA nesse período reflete sua história de diversos obstáculos, principalmente educacionais, que não permitem que autistas tenham autonomia de decisão. Dessa forma, é necessário realizar um balanço que tende a identificar aspectos das produções científicas sobre a temática a fim de

reconhecer as contribuições das pesquisas produzidas na área, apontar as lacunas existentes e as possibilidades investigativas que se apresentam.

Espera-se, portanto, explanar trabalhos publicados nas seguintes bases de dados eletrônicas: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses & Dissertações da CAPES. Isso se faz pertinente por ser este um espaço científico consolidado na área educacional e que reúne trabalhos de dissertações e teses de diferentes regiões brasileiras.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é caracterizar e analisar a produção de conhecimento sobre o processo de escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante o período da pandemia de COVID-19, utilizando como banco de dados a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (BDTD/IBICT) e o catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para que assim seja possível compreender os entraves que impedem o efetivo processo de escolarização e as possibilidades de ensino e aprendizagem criadas no contexto escolar. Os objetivos específicos que se desdobram são: explorar o que os estudos têm apontado sobre os desafios e as possibilidades de escolarização dos estudantes com TEA na pandemia de COVID-19; e como se tem dado o processo de inclusão escolar desses sujeitos no contexto de adversidade.

Portanto, levantam-se as seguintes indagações: Quais são as contribuições e as lacunas que perpassam a produção de conhecimento científico sobre a escolarização de estudantes autistas no contexto de pandemia de COVID-19?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ASPECTOS SOBRE A CONDIÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Primeiramente, é necessário esclarecer o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O Transtorno do Espectro Autista atualmente é designado como um transtorno psicossocial, enquadrado na classe de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, conhecido como DSM-5. O diagnóstico é constituído a partir do comprometimento em três áreas principais: alterações/dificuldades em interações sociais e comunicativas; interesses e atividades restritas; estereotipia e repetição (American Psychiatric Association, 2015).

Entretanto, nem sempre o autismo foi descrito da forma como é conhecido atualmente. Autores como Bialer e Voltolini (2022) comentam que, desde o início da história do autismo, a ciência tem fundamental influência nos modos de conceituar essa condição humana, o que tem significativos impactos na prática social e na vida das pessoas.

Ao percorrer a história do autismo é importante considerar os estudos que marcaram a área. A primeira pessoa a descrever o autismo em seus estudos foi Grunya Sukhareva (1891-1981), uma psiquiatra russa, judia que descreveu em 1926 um estudo com seis meninos, e em 1927 um estudo com cinco meninas, ambos casos eram de crianças autistas, entretanto, seu trabalho foi plagiado por Leo Kanner duas décadas depois, em 1943 (Pozzi; Dos Santos Riego; Junior, 2024), coincidentemente ser associado ao gênero masculino que apresentavam como denominador comum a impossibilidade de estabelecer, desde o começo da vida, conexões com as pessoas e as situações sociais (Mas, 2018). A causa dessas características foi interpretada por Kanner como advinda da relação pouco afetiva entre cuidadores e a criança, o que gerou posteriormente a expressão “mãe-geladeira” (Corrêa, 2017).

Ademais, Grunya Sukhareva teve diversos destaques em seus estudos, como a interseccionalidade, na qual estudou meninas autistas e afirmava que o autismo não afetava somente o gênero masculino (Silva, 2025). Outro aspecto importante em seus estudos é o enfoque dado ao desenvolvimento das crianças autistas, seus destaques em artes, música e diversos potenciais observados pela psiquiatra. Ou seja, Grunya

Sukhareva ressaltou em seus estudos não as limitações das crianças com TEA, mas as potencialidades em diversas modalidades do desenvolvimento.

Estudos como o de Corrêa (2017) apontam que Kanner envolveu-se com questões antiéticas como, por exemplo, negligência e ocultamento dos resultados das pesquisas para os familiares das crianças participantes da pesquisa que realizou e, consequentemente, esse fato resultou na falta de assistência social para muitas famílias e crianças autistas (Corrêa, 2017).

Por conseguinte, Hans Asperger (1906-1980), psiquiatra e pesquisador austríaco, residente em Viena, desenvolveu um estudo com 4 crianças com dificuldade central de relacionar-se com os outros. Esse pesquisador considerou que a psicopatia autística apareceria a partir do segundo ano de vida e seria persistente. Seus estudos, após a sua morte, circunscrevem o que foi nomeado como Síndrome de Asperger: uma condição associada ao espectro autista que é marcada por dificuldades de interação e comunicação. Esse termo foi descontinuado no DSM-5 após estudos associarem contribuições do médico com o nazismo, por meio de práticas relacionadas à eugenia, esterilização forçada e eutanásia de crianças (Czech, 2018).

Tendo isso em vista, é importante comentar que se observa hoje um aumento significativo no número de diagnósticos e tratamentos. Para se obter uma estimativa, em 1980 a média era de dois a quatro casos para cada 10.000 crianças e, na estatística do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) de 2014, relata-se que os casos estão ocorrendo em 1 a cada 64 crianças; esse número está 7.350 vezes maior do que há 34 anos (Mas, 2018).

Para se compreender o contexto histórico do autismo, de acordo com Brandenburg e Lükmeier (2013), é importante considerar que pessoas com características diferentes eram perseguidas e até sacrificadas, em grande parte devido à crença do cristianismo que associava o desconhecido a fenômenos sobrenaturais, além da crença de que o autismo era uma doença a ser curada. Há pouco tempo, esse fato ainda se refletia na sociedade por meio dos manicômios, dentre outras formas de discriminação e capacitismo. Além disso, vale salientar que “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (De Laplane, 2018, p. 4).

Quando se trata da área educacional, esse tema se torna ainda mais debatido, pois inserir estudantes com deficiência em sala regular é um direito recente e, ainda

assim, o Brasil possui uma das legislações mais avançadas do mundo (De Freitas; De Souza, 2021). Com os avanços históricos e sociais, houve novas políticas implementadas no Brasil na tentativa de garantir o acesso, a permanência e o desempenho escolar de pessoas com deficiência. Além do mais, o conceito de inclusão nas últimas décadas tem sido muito estudado e problematizado.

A partir da Constituição Federal Brasileira de 1988, as pessoas com deficiência passaram a ser reconhecidas perante a lei. Tradicionalmente, o atendimento educacional das pessoas com deficiência no Brasil constituía-se à parte da rede regular de ensino (Lehmkuhl, 2021), sendo essa população atendida, em sua maioria, nas instituições especializadas privadas de cunho assistencial. Na década de 1990, por influência de acordos internacionais assumidos pelo país, disseminou-se o paradigma da educação inclusiva, incorporando-o às políticas públicas educacionais (Kassar, 2011). Na esteira desse movimento, no ano de 2008 houve a definição da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008).

Ao que se refere ao autismo, há destaque para a Lei nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012, que auxiliou a inclusão desses sujeitos em classes regulares de ensino. Contudo, percebe-se que, apesar dos avanços políticos, ainda há contradições sociais marcadas pelas desigualdades sociais que mantêm as discriminações com esses sujeitos (Andrighetto; Gomes, 2020).

Apesar da criação de leis específicas e do avanço social de se ver o autismo não como uma doença, e sim como uma condição, faz-se necessário considerar como o autismo é considerado pelo meio social e suas consequências na constituição da pessoa.

Para Freire (2015, p. 20) "somos seres condicionados, mas não determinados". Nesse sentido, compreende-se que, ao ser singular, a pessoa afirma-se na pluralidade por meio das relações sociais e dos desafios mundanos; o ser altera a si e a realidade. Desta forma, à medida dos desafios do existir e agir, pode haver uma transformação, ajustamento ou acomodação, gerando a (não) aceitação de um futuro já determinado. A escola deve, portanto, ser a mediadora das mudanças sociais, incidindo, inclusive, no modo de conceber o autismo como condição humana.

Em seus estudos sobre a deficiência, Vigotski (1997) elabora a ideia de que o desenvolvimento é um processo essencialmente cultural, contestando, desse modo, as visões estritamente biológicas e comportamentais. Além disso, destaca a

linguagem, a significação e a mediação como meios de desenvolvimento cultural. O enfoque desloca o limite a partir da perspectiva das potencialidades criadas na relação da criança com deficiência e com o meio social, de modo a possibilitar a realização de atividades que a vida em sociedade demanda.

Pode-se perceber que, na teorização do autor sobre o desenvolvimento humano, ao adotar um olhar materialista, histórico e dialético, há um movimento de integrar o biológico e o cultural na unidade do psiquismo humano. Desse modo, podemos compreender o TEA como uma condição humana, uma síntese dos múltiplos processos que participam da constituição da personalidade.

Entretanto, este caminho de desmistificação nem sempre é fácil, pois, muitas vezes, as escolas propagam ideais normativos que desconsideram as vivências e reflexões sobre o autismo, em que apenas são válidas as experiências de um tipo psicofísico tido como normal. Tais fatores limitantes impedem o desenvolvimento das pessoas com TEA em sociedade. O que Young (1990, p. 119 *apud* Santos; Macedo; Mafra, 2022) defende é que se coloque em prática a política da diferença, para que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas, mesmo que não inteiramente compreendidas pelos demais, a fim de que se possa promover a superação de injustiças sociais.

Para se compreender tais injustiças, faz-se necessário compreender cinco formas de opressão relacionadas às pessoas autistas, de acordo com Santos, Macedo e Mafra (2022): a exploração, em que o autista é incentivado ao trabalho após o fracasso escolar causado pela desvalorização da capacidade dessas pessoas; a marginalização, que impede uma expectativa de vida para essas pessoas; a falta de poder, que impede a autonomia e emancipação e é gerada pela visão de que autistas são desqualificados para tomadas de decisões; a violência causada pela repulsa de um grupo ou pessoa, no caso, os autistas; e, por fim, o imperialismo cultural, que possui uma visão normalizadora e emprega de forma negativa as pessoas oprimidas.

2.1 O PROCESSO EDUCACIONAL DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Todos os avanços e suportes foram impactados com o surgimento do coronavírus (COVID-19). Como afirma Barreto e Rocha (2020, p. 2):

> Em 31 de dezembro de 2019, surge na cidade de Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, ocorrências de casos de pneumonia na cidade.

> Naquele momento, a OMS foi notificada a fim de verificar as recorrências dos casos. Logo, foi identificado o agente transmissor, tratando-se de um novo coronavírus: SARS-CoV-2, que pode levar à síndrome respiratória aguda, hospitalização e morte.

Em março de 2020, foi declarada a pandemia de COVID-19 e, apesar de na época não se ter muito conhecimento sobre o vírus, percebeu-se que a melhor forma de combate seria com isolamento social em massa. Isso gerou um impacto em todas as áreas sociais da vida, como saúde, educação, alimentação e socialização, impactando ainda mais pela queda de empregos e de ações sociais do governo da época (Carvalho, 2020). Como afirma Almeida *et al*. (2023, p. 2):

> Segundo a OMS, a transmissão da covid-19 ocorre por meio da exposição direta a gotículas expelidas por indivíduos com vírus ou com ambientes contaminados. Portanto, para conter a disseminação do vírus, foi necessário adotar medidas preventivas de isolamento que levaram ao fechamento de diversos serviços, sendo permitido apenas a prestação daqueles considerados essenciais.

Entretanto, o governo brasileiro da época, com postura negacionista, minimizou a doença, o que fez o impacto de mortes ser alto, mas também comprometeu avanços para a sociedade, como vacinas (Da Cunha Pestana; Kassar, 2021). Além disso, a mídia social se tornou um dos principais meios de comunicação e, como havia pouca informação oficialmente divulgada pelo governo, iniciaram-se as especulações que permeiam até hoje para algumas pessoas. Como afirma Neto *et al.* (2020, p. 3):

> Muitas informações e notícias foram postadas nas mídias sociais, o que conduziu a diversos compartilhamentos, criando uma rede com conteúdo e pseudo informações, conhecidas como *Fake News*. Em tempos de avanços tecnológicos, estas notícias falsas são veiculadas nas redes sociais, de forma rápida e multiplicada entre a população, que, em linguagem metafórica, pode-se entender como um vírus que contamina a comunicação e promove ações e comportamentos contrários às orientações das autoridades técnicas no campo da saúde.

Além de todos os impactos, Jair Bolsonaro, presidente da época, sugeriu uma neo exclusão, na qual pessoas com deficiência, idosos e doentes ficassem em isolamento social, enquanto jovens e adultos mantivessem suas vidas normais, indo contra a recomendação da OMS de isolamento (Cardoso; Taveira; Stribel, 2021).

Na educação, esse impacto se deu principalmente na educação de crianças pequenas, que possuem a faixa etária de 4 a 6 anos, e de crianças com deficiência, pois são especificidades que exigem mais do que somente um acompanhamento e ajuda pedagógica (Dias; Santos; De Abreu, 2021). Também é necessário destacar que, nessa faixa etária e também para as crianças com deficiência, a socialização, a

inclusão e o brincar são extremamente fundamentais para o desenvolvimento psicológico e físico, pois, como afirmam Coelho e Tadeu (2015, p. 5):

> Podemos assim verificar que este é um tempo que deve privilegiar as interações das crianças entre si, com os adultos da sala, bem como com os espaços e os materiais, sendo dos momentos mais ricos em termos de observação das crianças, fornecendo-nos pistas sobre a sua personalidade, o seu desenvolvimento, os seus interesses e as suas necessidades.

Já no enfoque de crianças autistas, além desses impactos citados, há também a questão da rotina, em que houve uma quebra, gerando assim prejuízos comportamentais e emocionais e, a depender do nível de suporte dessa deficiência, há uma dificuldade ainda maior relacionada à compreensão de eventos ocorridos, em que, além dos prejuízos de rotina que afetam o desenvolvimento dados pela pandemia de COVID-19, também é algo difícil de se compreender.

Costa, Picharillo e Elias (2023, p. 3) citam as principais dificuldades de crianças com TEA na pandemia de COVID-19:

> • violência doméstica – a incidência de violência doméstica disparou em famílias confinadas, mas muito pouco se sabe sobre o abuso que as pessoas com TEA enfrentam atualmente; a quantidade de pessoas com TEA que são vítimas de violência é elevada, mesmo em tempos mais comuns, o que as coloca em risco elevado durante o período de restrições sociais;
>
> • saúde mental – existe uma preocupação de que a pandemia possa ter um efeito desproporcional na saúde mental de pessoas com TEA; há motivos para acreditar que, embora algumas pessoas desse público tenham recebido serviços por meio de vídeo ou por telefone, muitos também podem não ter recebido qualquer tipo de apoio;
>
> • fechamento de escolas – há relatos que sugerem que de 30% a 75% das crianças vulneráveis não recebem educação formal em países desenvolvidos, resultado do fechamento de escolas, e esse número pode ser ainda maior quando se trata do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE);
>
> • desigualdades econômicas – também existem desigualdades econômicas provocadas pela covid-19, visto que as perspectivas de emprego de pessoas com TEA eram baixas antes da pandemia, e, atualmente, é razoável supor que algumas dessas pessoas possuem dificuldade em melhorar sua posição nos sistemas de proteção social que muitos governos criaram para amenizar essa perda econômica.

Ademais, é necessário olhar para o eixo familiar dessas crianças, pois, no período pandêmico, as incertezas de perder emprego, o emocional abalado e a dificuldade e falta de acesso à saúde são empecilhos que corroboram para o aumento da dificuldade em educar essas crianças dentro de casa (Costa *et al.*, 2023).

Outra ressalva é que a tecnologia passa a ser vista como um espaço de luta e transformação que destaca ainda mais as desigualdades (Barreto; Rocha, 2020), pois

famílias de baixa renda que não possuem condições de terem aparelhos tecnológicos e acesso à tecnologia acabam, muitas vezes, perdendo o acesso e o direito à educação básica. Por outro lado, a tecnologia viabiliza a construção de “novos” caminhos, mas a capacidade de adaptar, planejar e estabelecer relações é estritamente humana (Souza; Dainez, 2020).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, que, segundo De Sousa, De Oliveira e Alves (2021, p. 2), “[...] tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”. Ou seja, é um processo de identificação da contribuição de obras publicadas para o conhecimento atual sobre determinada temática, nesse caso, o autismo e a pandemia. Assim, há a possibilidade de se apontar os avanços e as restrições que configuram o campo de pesquisa, bem como as lacunas de disseminação do conhecimento.

Há três grandes vantagens citadas por Gil, *et al.* (2002) ao se realizar uma pesquisa bibliográfica:

1- É uma fonte rica de dados;

2- O custo da pesquisa é relativamente baixo em relação aos outros tipos de pesquisa;

3- E não exige contato com os autores, possibilitando menos limitações nesse quesito.

Ademais, a pesquisa possui caráter descritivo, que possibilita “[...] também a construção literária de um quadro conceitual que envolve o objeto pesquisado.” (Da Silva, De Oliveira, Da Silva, 2021, p. 6). Esse tipo de procedimento metodológico auxiliará nas construções das tabelas deste trabalho.

Consequentemente, quando a temática se trata do campo da educação, independentemente de o assunto envolver ambientes escolares e não escolares, há um aumento crescente na pesquisa da área, gerando novas inquietações e questionamentos (Romanowski; Ens, 2006). Um fator relevante nessas pesquisas é que a literatura especializada evidencia a necessidade de acompanhar o desenvolvimento, as transformações e as inovações que tornam a área da educação

e seus profissionais cada vez mais capacitados para atender àqueles que vêm conquistando o direito à educação (Romanowski; Ens, 2006).

Tendo esses aspectos em vista, busca-se analisar aprofundadamente as produções científicas acerca da escolarização de estudantes autistas durante o período da pandemia, tendo como recorte os próprios anos da pandemia (2020-2023). Para isso, serão utilizados os seguintes descritores: autismo; pandemia de COVID-19; escolarização; TEA. Serão selecionados somente trabalhos que abordam o processo de escolarização de estudantes com TEA na pandemia de COVID-19, independentemente da faixa etária e com enfoque na etapa básica de ensino, pois, como anteriormente citado, o ensino a distância já é implementado e existente no Ensino Superior.

Ademais, serão utilizados os bancos de dados de teses e dissertações da CAPES e do BDTD, que são os maiores bancos de depósitos de teses e dissertações do país, contendo ampla gama de trabalhos para análise. Foram excluídos trabalhos que possuíam enfoque na área da saúde e trabalhos que eram dos anos de 2024 e 2025, pois a pesquisa possui enfoque na área educacional e este estudo visa acompanhar a produção de conhecimento no período da pandemia de COVID-19.

As etapas de seleção ocorreram por meio da leitura de títulos de trabalhos, seguida pela leitura dos resumos desses trabalhos para analisar se eles se enquadram nos parâmetros citados anteriormente. Ademais, é necessário ressaltar que somente foram selecionados trabalhos escritos na língua portuguesa do Brasil.

4 RESULTADOS

A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com a relação dos trabalhos encontrados no período selecionado no banco de dados BDTD e Quadro 2 com a relação d dos trabalhos encontrados no período selecionado no banco de dados CAPES, ambos organizados por ano de produção. Foi utilizada a ordem dos descritores “escolarização TEA pandemia” e “escolarização autismo pandemia”.

Quadro 1 – Relação de trabalhos selecionados do banco de dados BDTD.

Nº	Banco de Dados	Autor(a)	Título	Ano de Produção

01	BDTD	Adriana Kelly Gomes Girão	Autonarrativas no encontro com pedagogas de morada nova ce: uma experiência de promoção da educação inclusiva de crianças com diagnóstico de autismo	2020
02	BDTD	Marines Andreazza De Oliveira	Plano educacional individualizado e sua importância para a inclusão de crianças autistas	2020
03	BDTD	Andreia Domingues Bitencourte	Ensino de ciências na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista (tea) em uma perspectiva inclusiva.	2021
04	BDTD	Daiana Alves De Jesus Dalvi	O processo de escolarização do estudante com autismo: caminhos alternativos e práticas significativas no contexto escolar	2021
05	BDTD	Emne Mourad Boufleur	Famílias de crianças com transtorno do espectro do autismo: implementação e avaliação de um programa de apoio para inclusão escolar	2021
06	BDTD	Leise Cecília De Omena	A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (tea) nos anos iniciais do ensino	2021

			fundamental i: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita	
07	BDTD	Adriana Fernandes do Carmo	Transtorno do espectro autista e matemática: mediações para o ensino e aprendizagem nos anos iniciais durante a pandemia	2022
08	BDTD	Alexandre De Carvalho Lima	Tecnologia educativa sobre os impactos da pandemia por covid-19 no desenvolvimento psicomotor e aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista	2022
09	BDTD	Beatriz Rodrigues Ferreira	Percepção de famílias quanto à escolarização de indivíduos com transtorno do espectro autista	2022
10	BDTD	Christiane Cordeiro Silvestre Dalla Vecchia	Interação escola-família no processo de ensino de crianças com transtorno do espectro autista (tea) em tempos de pandemia	2022
11	BDTD	Fernanda Dias Ferraz Soriano	Autoeficácia e a percepção de professores de educação infantil sobre sua formação e atuação com crianças	2022

			com transtorno do espectro autista	
12	BDTD	Giseli Aparecida Cavalcanti Costa	O estudante do tea e suas especificidades: linguagem, mediação e inclusão escolar na pandemia	2022
13	BDTD	Isabella Maria Buoro Da Cruz	O ensino de ciências para estudantes autistas em tempos de pandemia	2022
14	BDTD	Janaina Vieira De Lara	Ensino de ciências: estratégias metodológicas voltadas para alunos com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia	2022
15	BDTD	Laine Dos Santos Pimentel	Sujeitos autistas e a escola em tempos de pandemia: perspectivas em diálogo	2022
16	BDTD	Layla Mariana Sucini Coury	Autismo e estratégias para o ensino da matemática: um estudo de caso nos anos iniciais do ensino fundamental	2022
17	BDTD	Lorinisa Knaak Da Costa	Encontando – um canal colaborativo: inclusão, autismo, histórias e matemáticas	2022
18	BDTD	Roberta Pereira Vieira de Souza	O ensino remoto com alunos com transtorno do espectro autista em tempo de pandemia da covid-19	2022

19	BDTD	Cíntia Helisa Freitas Cruz Soares	Processo de escolarização na perspectiva da educação inclusiva de estudantes com transtorno do espectro autista em uma escola estadual de muriaé/mg na pandemia	2023
20	BDTD	Élida Cristina Da Silva De Lima Santos	A articulação entre o atendimento educacional especializado e a educação infantil na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: um estudo realizado em escolas públicas do município de salvador – bahia	2023
21	BDTD	Joe Bruno Alves Dos Santos	Competência interacional e autismo: análise multimodal de interações em sala de aula regular	2023
22	BDTD	Rosana Kelly Baldan	“Vai dar tudo certo”: uma perspectiva interacional de encontros de atendimento educacional especializado em formato on-line voltado para estudantes autistas	2023

Quadro 2 – Relação de trabalhos selecionados do banco de dados CAPES.

Nº	Banco de Dados	Autor(a)	Título	Ano de Produção
01	CAPES	Emne Mourad Boufleur	Famílias de crianças com transtorno do espectro do autismo: implementação e avaliação de um programa de apoio para inclusão escolar	2021
02	CAPES	Joane Lopes Ribeiro	Tecnologia assistiva e atendimento educacional especializado para alunos com autismo na pandemia	2021
03	CAPES	Leise Cecília De Omena	A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (tea) nos anos iniciais do ensino fundamental i: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita	2021
04	CAPES	Maria Da Penha Machado Rocha	A socialização da criança autista na educação infantil: perspectiva do docente	2021
05	CAPES	Viviane Pegoraro	A inclusão de estudantes autistas no ensino remoto: uma proposta de ensino de conceitos relativos a ângulos	2021
06	CAPES	Yago Melo De Lima	“Nós precisamos um do outro”: reflexos das	2021

			relações entre escola e mães de adolescentes com autismo em sua escolarização na pandemia de covid-19	
07	CAPES	Ana Cristina Soares Almendana Silveira	Práticas pedagógicas com alunos autistas durante o distanciamento social: um estudo com professores que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental	2022
08	CAPES	Beatriz Rodrigues Ferreira	Percepção de famílias quanto à escolarização de indivíduos com transtorno do espectro autista	2022
09	CAPES	Fabiane Cristine Belasco	Ensino de ciências para estudantes com transtorno do espectro do autismo durante a pandemia de covid-19: contribuições de um pequeno grupo de pesquisa com professoras	2022
10	CAPES	Fernanda Dias Ferraz Soriano	Autoeficácia e a percepção de professores de educação infantil sobre sua formação e atuação com crianças com transtorno do espectro autista	2022
11	CAPES	Giseli Aparecida Cavalcanti Costa	O estudante do tea e suas especificidades: linguagem,	2022

			mediação e inclusão escolar na pandemia	
12	CAPES	Isabella Maria Buoro Da Cruz	O ensino de ciências para estudantes autistas em tempos de pandemia	2022
13	CAPES	Aline Lourenço Bittencourt	Crianças com tea lidando com a pandemia, no colégio pedro ii: mitos, verdades e a percepção de responsáveis à luz da teoria da autopoiese	2023
14	CAPES	Cíntia Helisa Freitas Cruz Soares	Processo de escolarização na perspectiva da educação inclusiva de estudantes com transtorno do espectro autista em uma escola estadual de muriaé/mg na pandemia	2023
15	CAPES	Élida Cristina Da Silva De Lima Santos	A articulação entre o atendimento educacional especializado e a educação infantil na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: um estudo realizado em escolas públicas do município de salvador – bahia	2023
16	CAPES	Joe Bruno Alves Dos Santos	Competência interacional e autismo: análise multimodal de interações em sala de aula regular	2023

17	CAPES	Rosana Kelly Baldan	“Vai dar tudo certo”: uma perspectiva interacional de encontros de atendimento educacional especializado em formato on-line voltado para estudantes autistas	2023

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Nota-se que, dos 39 (trinta e nove) trabalhos, a maioria se encontra no banco de dados do BDTD, totalizando 22 (vinte e dois) trabalhos, enquanto na CAPES há 17 (dezessete) trabalhos, sendo alguns deles repetidos em ambas as plataformas, totalizando 10 (dez) trabalhos duplicados. Outro destaque é que a maioria dos trabalhos foi produzida no ano de 2022, totalizando 12 (doze) trabalhos no banco de dados BDTD, que foram publicados ao final da pandemia. Na CAPES, o destaque foi para o início da pandemia de COVID-19, 2021, totalizando 6 (seis) trabalhos, o que provavelmente visa mostrar e analisar o período pandêmico por inteiro. Observa-se que houve uma significativa produção no período.

Percebe-se também a utilização do termo Transtorno do Espectro Autista ou sua sigla “TEA”, mostrando que os trabalhos estão usando terminologias atuais, sem usar ou referenciar termos antigos como Asperger ou nomenclaturas errôneas.

Para os próximos quadros, dos 39 trabalhos inicialmente encontrados, 10 foram identificados como repetidos em diferentes plataformas de bancos de dados. Assim, para evitar redundância na análise, apenas uma ocorrência de cada trabalho repetido foi considerada, totalizando 29 (vinte e nove) trabalhos únicos para a análise dos dados.

Além disso, é necessário analisar quantos dos trabalhos são teses e dissertações no quadro 3, em complemento com o quadro 1 e 2.

Quadro 3 – Tipo de trabalho.

Tipo de Trabalho	**Quantidade de Trabalhos**
Tese	4
Dissertação	25

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Percebe-se que há o total de 25 (vinte e cinco) dissertações nos trabalhos selecionados, demonstrando que a temática de autismo e pandemia de COVID-19 se

encontram mais no mestrado, enquanto no doutorado há apenas 4 (quatro) teses. Isso ressalta o quão difícil é o processo de chegar em um doutorado e conseguir finalizá-lo, ainda mais em um período de pandemia de COVID-19. O número menos expressivo de tese deve-se também ao fato do período mais longo de elaboração, sendo de quatro anos.

Por conseguinte, é necessário analisar quais instituições e dependências administrativas produziram mais trabalhos, que se encontram no quadro 3.

Quadro 4 – Instituição de Ensino Superior em que os trabalhos foram produzidos.

Instituição de Ensino	Quantidade de trabalhos	Dependência Administrativa
Faculdade Vale Do Cricaré	1	Privada
Fundação Oswaldo Cruz	1	Privada
Universidade De São Paulo	1	Pública
Universidade Do Estado De Santa Catarina	1	Pública
Universidade Do Estado Do Pará	1	Pública
Universidade Estadual De Maringá	1	Pública
Universidade Estadual De Mato Grosso Do Sul	1	Pública
Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná	1	Pública
Universidade Federal Da Grande Dourados	1	Pública
Universidade Federal De Juiz De Fora	1	Pública
Universidade Federal De Santa Maria	1	Pública
Universidade Federal De São Carlos	1	Pública
Universidade Federal De Viçosa	1	Pública
Universidade Federal Do Ceará	1	Pública
Universidade Federal Do Espírito Santo	1	Pública
Universidade Federal Do Paraná	1	Pública
Universidade Federal Do Piauí	1	Pública
Universidade Federal Rural Do Semi-árido	1	Pública
Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	2	Pública
Universidade Federal Da Bahia	2	Pública
Universidade Federal De Pelotas	2	Pública
Universidade Federal De São Paulo	2	Pública
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”	3	Pública

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Percebe-se que as principais universidades que produziram sobre a temática é a Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” (UNESP), totalizando 3

(três) trabalhos, sendo que a UNESP está também no *ranking* das melhores universidades do país (Barreyro; Santos; Ferreira, 2021), demonstrando o quanto é necessário defender uma educação pública, gratuita e de qualidade. Nota-se também que a maioria das publicações vêm de universidades públicas, como outros destaques da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal de São Paulo, totalizando 2 (dois) trabalhos cada uma; possivelmente isso se dá devido ao incentivo de bolsas e o processo de democratização das universidades públicas, totalizando 27 (vinte e sete) trabalhos, sendo somente 2 (dois) de universidades privadas.

A seguir será analisada a distribuição regional desses pesquisadores para uma melhor análise.

Quadro 5 – Distribuição regional do(a) pesquisador(a).

Região da Origem Institucional do(a) Pesquisador(a)	**Quantidade do(a) Pesquisador(a)**
Norte	0
Centro-Oeste	2
Sul	7
Nordeste	6
Sudeste	14

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Percebe-se que a região Sudeste é a que mais produziu trabalhos, totalizando 14 (quatorze) trabalhos, isso se dá devido a maior concentração de universidades nesta região do país. Em segundo lugar vem a região Sul, com 7 (sete) trabalhos, que também é destaque para a área de Educação Especial. A região Nordeste vem em terceiro lugar com 6 (seis) trabalhos, enquanto a região Centro-Oeste possui apenas 2 (dois) trabalhos. A região Norte não apresentou nenhum trabalho, demonstrando a necessidade de investimento na área de pós-graduação nesta região.

O próximo quadro, visa detalhar as temáticas específicas, para que se possa analisar quais são as principais temáticas dentro dos trabalhos publicados.

Quadro 6 – Relação de trabalhos encontrados por tema específico.

Tema específico	**Quantidade por Temática Específica**
Tecnologias	3
Formação de professores	5

História de vida e trajetória escolar	6
Processos de ensino-aprendizagem	6
Práticas pedagógicas	9

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

É possível observar que a maioria das produções são referentes às práticas pedagógicas, totalizando 9 (nove) trabalhos, ou seja, a maioria das pesquisas visam compreender como os professores e profissionais da educação lidaram com a pandemia de COVID-19, quais empecilhos e possibilidades surgiram com o ensino remoto e quais foram as práticas adotadas. Logo em seguida, com 6 (seis) trabalhos veio o tema específico processos de ensino-aprendizagem, ou seja, como os estudantes com TEA aprenderam durante a pandemia de COVID-19. Também com 6 (seis) trabalhos, apresenta-se a temática história de vida e trajetória escolar, extremamente necessário por criar espaço de voz participativa aos familiares e aos estudantes com TEA durante esse período. A temática de formação de professores totalizou 5 (cinco) trabalhos, com o objetivo de reunir profissionais da educação e transformar seus conhecimentos e trazer reflexões sobre a ação pedagógica. Por fim, mas não menos importante, a temática de tecnologias totalizou 3 (três) trabalhos, sendo também necessário, pois foi a responsável pelo ensino remoto, e faz-se importante analisar seus impactos na educação escolar de estudantes com TEA no período pandêmico.

O próximo quadro refere-se aos níveis de ensino abordados nos trabalhos, sendo possível analisar quais etapas da educação básica são mais focalizadas nos estudos.

Quadro 7 – Nível de ensino abordado.

Nível de Ensino	**Quantidade de Trabalhos por Nível**
Ensino Fundamental I	2
Ensino Fundamental II	2
Ensino Médio	2
Educação Infantil	6
Mais de um Nível	6
Não Informado	11

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Pode-se perceber que a maioria dos estudos não informa o nível de ensino, totalizando 11 (onze) trabalhos. Em seguida a educação infantil totalizou 6 (seis) trabalhos, como citado anteriormente no trabalho, essa etapa que trabalha com

crianças pequenas foi uma das mais afetadas pela pandemia de COVID-19 e, por isso, houve uma necessidade maior de estudo. Ademais, teve também estudos em mais de um nível de ensino, totalizando 6 (seis) trabalhos, demonstrando uma possível comparação entre os danos da pandemia de COVID-19 em diferentes níveis de ensino. Em sequência, o ensino fundamental I, o ensino fundamental II e ensino médio foram citados em apenas 2 (dois) trabalhos cada um.

O próximo quadro mostra as bases teóricas dos trabalhos, sendo possível analisar quais vertentes estão presentes na maioria dos trabalhos.

Quadro 8 – Relação de trabalhos encontrados por base teórica.

Base Teórica	Quantidade por Base Teórica
Pedagogia da libertação	2
Histórico-cultural do desenvolvimento humano	7
Não informado	20

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Pode-se perceber que a maioria dos trabalhos não apresentaram informações acerca dos fundamentos teóricos, sendo 20 (vinte) trabalhos. A teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano foi a mais utilizada, totalizando 7 (sete) trabalhos. É importante considerar que essa base teórica é recentemente mobilizada para tratar do autismo. São fundamentos que trazem uma perspectiva crítica na abordagem da relação educação, sociedade e deficiência. Consideram a dimensão histórica, social e política da deficiência, possibilitando compreender o autismo como condição humana. A Pedagogia da Libertação de Paulo Freire totaliza apenas 2 (dois) trabalhos, pois apesar de sua importância e destaque na educação brasileira, ele não possui o enfoque em crianças e adolescentes, e também não possui enfoque em pessoas com deficiência, mas sua visão de considerar o saber de mundo das pessoas e ensinar a partir das potencialidades é muito importante na escolarização do autismo.

O quadro a seguir refere-se aos enfoques metodológicos e aos seus procedimentos, para que seja possível uma análise dos tipos de pesquisa que foram realizados.

Quadro 9 – Relação de trabalhos encontrados por enfoque(s) e procedimento(s) metodológico(s).

Trabalhos	Enfoque(s) Metodológico(s)	Procedimentos Metodológicos

Adriana Fernandes do Carmo	Qualitativa	Mapeamento e encontros
Adriana Kelly Gomes Girão	Qualitativa	Mapeamento e encontros
Alexandre De Carvalho Lima	Não informado	Desenho Instrucional
Aline Lourenço Bittencourt	Não informado	Não informado
Ana Cristina Soares Almendana Silveira	Qualitativa	Pesquisa-ação
Andreia Domingues Bitencourte	Qualitativa	Estudo de caso
Beatriz Rodrigues Ferreira	Não informado	Mapeamento e questionários
Christiane Cordeiro Silvestre Dalla Vecchia	Qualitativa	Mapeamento e entrevistas
Cíntia Helisa Freitas Cruz Soares	Não informado	Mapeamento e entrevistas
Daiana Alves De Jesus Dalvi	Não informado	Não informado
Élida Cristina Da Silva De Lima Santos	Qualitativa	Estudo de caso
Emne Mourad Boufleur	Não informado	Mais de um procedimento distinto
Fabiane Cristine Belasco	Qualitativa	Análise de Conteúdo
Fernanda Dias Ferraz Soriano	Não informado	Mapeamento e questionários
Giseli Aparecida Cavalcanti Costa	Não informado	Não informado
Isabella Maria Buoro Da Cruz	Qualitativa-quantitativa	Mais de um procedimento distinto
Janaina Vieira De Lara	Qualitativa-quantitativa	Mapeamento e questionários
Joane Lopes Ribeiro	Qualitativa	Questionários e entrevistas

Joe Bruno Alves Dos Santos	Não informado	Não informado
Laine Dos Santos Pimentel	Qualitativa	Estudo de caso
Layla Mariana Sucini Coury	Não informado	Estudo de caso
Leise Cecília De Omena	Não informado	Não informado
Lorinisa Knaak Da Costa	Qualitativa	Pesquisa-ação
Maria Da Penha Machado Rocha	Qualitativa-quantitativa	Mapeamento e questionários
Marines Andreazza De Oliveira	Qualitativa	Mapeamento e entrevistas
Roberta Pereira Vieira de Souza	Não informado	Mapeamento e entrevistas
Rosana Kelly Baldan	Não informado	Mais de um procedimento distinto
Viviane Pegoraro	Não informado	Não informado
Yago Melo De Lima	Não informado	Estudo de caso

Fonte: Quadro formulado pela autora do texto.

Referente ao(s) enfoque(s) metodológico(s), 15 (quinze) dos trabalhos encontrados não explicitam. Em seguida, totalizando 11 (onze) trabalhos se dão pelo enfoque metodológico qualitativo, o que é comum na área da educação, principalmente por ser uma área que envolve humanos e uma análise que considere aspectos sociais. O enfoque metodológico qualitativo-quantitativo totaliza apenas 3 (três) trabalhos. Por fim, o enfoque metodológico quantitativo não foi explicitado em nenhum resumo de trabalho.

Ao que se refere aos procedimentos metodológicos, a maioria dos trabalhos também não informou seus procedimentos no resumo, totalizando 6 (seis) trabalhos. Em seguida, o procedimento mais utilizado foi o estudo de caso com 5 (cinco) trabalhos. Por conseguinte, com 4 (quatro) trabalhos cada, vieram os procedimentos mapeamento e entrevistas; e mapeamento e questionários, o que na pandemia de COVID-19 se deu de forma muito comum devido a maioria das pesquisas envolverem questões *on-line.* Ademais, com 3 (três) trabalhos teve a utilização de mais de um procedimento distinto. Com 2 (dois) trabalhos cada, houve mapeamento e encontros

não presenciais e pesquisa-ação, coincidentemente os dois envolveram pesquisas em que os pesquisadores participaram ativamente do processo investigativo e auxiliaram em práticas formativas. Por fim, com apenas um procedimento metodológico mencionado teve apenas 1 (um) trabalho cada: desenho instrucional, observação participante, questionários e entrevistas.

5 DISCUSSÕES

Este tópico busca abordar aspectos dos trabalhos que remetem a temática da escolarização de crianças com TEA no período da pandemia de COVID-19 para, assim, compreender quais são as entraves e possibilidades dentro desses aspectos.

O trabalho de Carmo (2022) trata de uma pesquisa sobre o ensino de matemática no período da pandemia de COVID-19 e sua relação com o autismo. Para isso, utilizaram-se encontros remotos individuais com um estudante dos anos iniciais do ensino fundamental. Percebeu-se que a utilização de materiais manipuláveis e recursos tecnológicos trouxe envolvimento para o processo de aprendizagem, reforçando que todo sujeito possui a capacidade de aprender. Uma reflexão tida neste trabalho é que o planejamento do professor é uma etapa fundamental para esse processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, o trabalho de Pegoraro (2021) objetiva contribuir com o processo de ensino e aprendizagem do conceito de ângulo em matemática, em que era uma proposta pensada para o ensino presencial e foi repensada para o ensino remoto. O trabalho foi um estudo de caso com três estudantes com TEA do 9º ano do ensino fundamental de um município do interior do Rio Grande do Sul, na qual foram utilizados recursos tecnológicos para subsidiar o trabalho.

O trabalho de Coury (2022**)** também possui enfoque no ensino de matemática para uma aluna com TEA em um município do Rio de Janeiro, em que as entrevistadas foram as professoras do ensino regular e do AEE, visando compreender o produto de suas ações pedagógicas: um livreto. O trabalho visou criar um manual de jogos de computador utilizando a ferramenta gratuita *Wordwall*, aliando a tecnologia assistiva ao processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o trabalho busca criar uma produção baseada na própria produção das professoras para auxiliá-las na inclusão desses estudantes e para possíveis situações futuras, não somente pandêmicas.

Ainda sobre o uso de tecnologias no ensino de matemática, o trabalho de Da Costa (2022) objetiva compreender o uso de uma tecnologia específica, um canal no *Youtube* de contação de histórias, no ensino de matemática voltado para estudantes com TEA do 5º ano do ensino fundamental de forma colaborativa com uma professora e com uma mãe desse estudante com TEA. Percebeu-se que essa estratégia potencializa a concentração dos estudos dos estudantes analisados, incluindo o estudante com o TEA.

Referente ao ensino de ciências, o trabalho de Lara (2022) objetiva compreender estratégias e recursos utilizados por professores para ensinar estudantes com TEA na matéria de ciências no período da pandemia de COVID-19. Percebeu-se que para adaptar o trabalho para estudantes com TEA era necessário compreender as características e o diagnóstico para pensar na inclusão desses estudantes na pandemia de COVID-19. O que demanda problematizações, uma vez que o quadro clínico se pauta nas limitações e como isso impacta o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com TEA. O diagnóstico é necessário e importante para alcançar direitos na sociedade brasileira, mas depender dele para se pensar na inclusão é limitante. O estudo conclui que os professores precisam de suporte e apoio pedagógico.

Expandindo a discussão sobre a escolarização e o ensino de ciências, o trabalho de Belasco (2022) investiga a escolarização em um município de Mato Grosso do Sul, mas com o enfoque em docentes e no ensino de ciências por meio do referencial teórico Freireano. Utilizou-se um Pequeno Grupo de Pesquisa (PGP) para se compreender como superar os desafios da inclusão escolar no contexto pandêmico. Constatou-se que as professoras possuíam necessidade de terem espaço de escuta no processo formativo. Considerou que a formação continuada possibilita a reflexão da própria prática pedagógica, potencializando as práticas e tornando-as mais inclusivas.

Além disso, o trabalho de Costa (2022) enfatizou que o papel de educar não somente uma criança com TEA, mas também outras crianças, que envolve gestores, educadores, familiares e a comunidade em geral, um aspecto que outros trabalhos não haviam enfatizado, sempre focando em um dos lados responsáveis pelo processo escolar da criança com TEA. Portanto, esse trabalho busca entender o uso das tecnologias no processo de aprendizagem e na interação aluno-família-professor e demais profissionais envolvidos, tornando-se extremamente necessário, pois, como o

próprio trabalho afirma, existem outros profissionais que também educam e se tornam fundamentais para o processo de aprendizagem de crianças com TEA.

Ainda sobre tecnologia e professores, o trabalho de Lima (2022) possui como objetivo desenvolver uma tecnologia educativa sobre os impactos da pandemia de COVID-19 para estudantes com TEA e essa tecnologia seria desenvolvida para professores e profissionais da educação infantil em que haveria um curso de Ensino a Distância (EaD) para ensiná-los a usar essa tecnologia, o principal desafio é que os cursos EaD com tecnologias são feitos para a área da saúde. Seu resumo não possui conclusão e suas considerações finais são curtas relatando mais o período pandêmico e o TEA, do que a tecnologia e os professores e estudantes, portanto, não se pode compreender o que se conclui dessa tecnologia e se ela é de fato benéfica ou se possui funcionalidade.

Aprofundando a perspectiva familiar, o trabalho de Ferreira (2022) buscou conhecer a rotina de cuidado de familiares e cuidadores de crianças de 3 a 5 anos e de adolescentes de 6 a 14 anos, separados em dois grupos, ambos matriculados em escola regular, independentemente de ser pública ou privada e escolas especiais. A pergunta norteadora tratou de abordar qual foi o processo de escolarização antes e durante a pandemia de COVID-19 desses sujeitos. Após um questionário com 45 pessoas, concluiu-se que aproximadamente 60% das crianças dos dois grupos receberam materiais adaptados, mas ainda é uma porcentagem baixa, deixando a desejar, pois a adaptação de conteúdo é um direito das crianças com deficiência. Ademais, os grupos ficaram divididos se os conteúdos foram de fato aprendidos, demonstrando novamente um despreparo dos professores para lidarem não necessariamente com a pandemia de COVID-19, mas com crianças com deficiência, pois 55% do grupo dois afirma que, antes da pandemia de COVID-19, não estava satisfeito com a preparação de professores para ensinar seus filhos.

Corroborando a importância da interação familiar, o trabalho de Vecchia (2022) ressalta inicialmente apoios essenciais do ensino presencial que autistas tinham antes da pandemia de COVID-19: sala de recursos, tutores, currículo adaptado e atividades adaptadas à sua realidade, que foram repentinamente retirados e a interação escola-família foi essencial para que parte desses apoios fosse readequada ao período da pandemia de COVID-19. Concluiu-se que a família e o apoio dos professores foram fundamentais para um aprendizado positivo das crianças e famílias investigadas. Salientou-se, ainda, a pertinência do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal

(ZDP), conceito de Lev S. Vigotski explica que há uma diferença entre o que a criança consegue fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o que ela consegue fazer com auxílio de alguém (nível de desenvolvimento potencial), para avaliar a aprendizagem das crianças.

Em complemento, o trabalho de Boufleur (2021) envolve um programa de apoio implementado para famílias de estudantes com TEA no Mato Grosso do Sul. Por meio de uma análise multiprofissional, percebeu que esse tipo de apoio faz diferença positiva nas famílias e para as crianças, não somente no ambiente escolar, mas no ambiente social também. Portanto, o estudo demonstra que há uma necessidade nesta cidade de haver uma associação de pais e familiares que cobrem por ações especializadas, pois elas empoderam essas famílias, além de demonstrar que quem precisa de nível de suporte não é somente o estudante com TEA, mas também sua família, que normalmente não é cuidada por profissionais.

Reforçando a influência familiar, o trabalho de De Lima (2021) explora a relação e influência de mães de adolescentes com TEA e o ambiente escolar no contexto da pandemia de COVID-19 para compreender o processo de escolarização dessas crianças e a importância do apoio escolar. Percebeu-se que uma mãe conseguiu estabelecer uma boa relação com a escola cuja filha estuda em que houve diálogo para se propor estratégias pedagógicas a fim de promover inclusão, enquanto com a filha da outra mãe houve uma educação bancária, apesar da mãe ter estabelecido uma certa relação com alguns professores, auxiliou a alguns professores considerarem os interesses do seu filho.

O trabalho de Bittencourt (2023) objetiva elencar os mitos e verdades que circundam a visão dos pais em relação a como as pessoas com TEA enfrentaram a pandemia de COVID-19. O estudo mostrou que o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) pode ser uma abordagem propulsora da inclusão, mas que os materiais de estudo não eram totalmente acessíveis. Por fim, considera que o protagonismo na pandemia de COVID-19, apesar de parecer dever ser do professor, que também é um papel fundamental, deve ser do próprio estudante com TEA e sua família, pois como seria possível falar de autismo sem autistas como protagonistas dessas histórias?

Abordando a questão da Tecnologia Assistiva (TA), o trabalho de Ribeiro (2021) refere-se ao uso de TA por professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com crianças com TEA na pandemia de COVID-19. Foram entrevistadas duas

professoras do AEE e percebeu-se que a TA se tornou um desafio para os professores de educação especial devido aos recursos, tempo e espaço, além da limitação de interações de estudantes com o TEA. O trabalho ressalta, ainda, a falta de políticas que visem condições equitativas de aprendizagem no Brasil no período da pandemia de COVID-19 e o quanto a pandemia de COVID-19 agudizou as diferenças socioeconômicas.

No contexto de formação de professores, o trabalho de Girão (2020) realizou uma pesquisa por meio de encontros virtuais com educadoras da rede pública de Nova Morada - Ceará para reflexões e proposições de caminhos para favorecer o aprendizado de estudantes com TEA e praticar uma educação inclusiva. A pesquisa mostrou que, apesar de inseguranças, instabilidades e afins, o desejo de aprender e mudar foi o que se sobressaiu nesses encontros e fortaleceu o caminho para a construção de uma educação inclusiva nesse contexto.

Em um estudo complementar sobre a formação docente, o trabalho de Silveira (2022) possui o enfoque na formação de professores, de forma remota, de uma escola pública de Santa Catarina. Por meio dessa formação, percebeu-se que quanto maior o conhecimento dos professores sobre autismo, parcerias com os familiares dos autistas, busca por interdisciplinaridade e adaptações, maior o nível de aprendizado do aluno e de ensino desses professores. Portanto, é necessária uma constante formação para aprimoramento das práticas pedagógicas com estudantes com deficiências.

Ainda sobre a lacuna nas formações de professores, o trabalho de Soriano (2022) também trata da lacuna nas formações dos professores, mas dessa vez na Educação Infantil e no interior paulista. Os estudos mostraram que 61,7% dos professores já trabalhavam com estudantes com TEA. Os que já trabalharam com estudantes com TEA demonstraram dificuldade nesse trabalho devido às fragilidades da formação inicial e continuada, apesar desse número concordar com as fragilidades, apenas 46,1% de todos os professores procuram algum tipo de formação para a área de TEA. Ainda referente aos professores que trabalharam com TEA, demonstraram que houve dificuldades devido ao excesso de estudantes na sala, dificuldades com familiares, falta de apoio humano e de estrutura. Apesar de alguns professores buscarem os cursos, o estudo considerou que não é somente isso que vai garantir o processo de ensino-aprendizagem, pois depende de outros fatores externos ao professor.

O trabalho de Cruz (2022) buscou compreender os empecilhos da inclusão de estudantes com TEA e os empecilhos dos professores no período da pandemia de COVID-19, assim como suas estratégias para lidar com esse período referente a estudantes com TEA. Todavia, o resumo do estudo apenas conclui que as escolas procuraram se adequar a esses estudantes, não mostrando os métodos e suas estratégias e se isso se deu com todos os estudantes e professores. Além disso, o trabalho mostra que os professores não possuíam formação para lidar com os estudantes com TEA e muito menos com o período da pandemia de COVID-19.

Em relação à articulação entre profissionais, o trabalho de Santos (2023) aborda a interação entre professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os professores de Educação Infantil. A partir disso, percebeu-se que há um desejo de articulação, isso sequer estava incluso no Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas, que é uma etapa fundamental para que um planejamento ocorra na prática. Essa interação entre professores é fundamental para acompanhar o desenvolvimento do aluno e planejar atividades entre si. Sugestões encontradas nas entrevistas foram: criação de plantão pedagógico quinzenal para planejamento de atividades e norteamento por documentos oficiais como PPP, que é uma etapa fundamental para que o plano saia do papel.

Alinhando-se à discussão sobre as práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil, o trabalho de Bitencourte (2021), traz como objetivo construir e analisar uma proposta pedagógica inclusiva para Educação Infantil em uma escola no Rio Grande do Sul por meio de contato virtual. A conclusão mostra que, a partir de diferentes unidades didáticas, foi possível trabalhar diferentes linguagens científicas e do cotidiano, permitindo autonomia estudantes com TEA participantes da pesquisa, mas uma questão que se explicita é que todas essas unidades foram totalmente distintas para esses estudantes, revelando a importância de se considerar as singularidades no processo educacional.

Ainda na linha de práticas pedagógicas e articulações, o trabalho de De Oliveira (2020) visa compreender quais são as metodologias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento de crianças com TEA por meio do Plano Educacional Individualizado (PEI). O estudo mostrou uma forte relação entre docente e familiares, assim como de docente e coordenação pedagógica, argumentando que a articulação entre distintas áreas relacionadas aos estudantes é necessária para se planejar e educar essas crianças. Entretanto, ao que se refere ao PEI, os professores

demonstraram desconhecimento e conceitos incertos sobre o plano, apesar de muitos, pela nomenclatura, saberem reconhecer sua importância. Um destaque é que o estudo conceituou e mostrou a possibilidade da construção coletiva a partir da relação professor-familiares-coordenação.

No contexto da inclusão escolar e escolarização de estudantes, o trabalho de Soares (2023) busca compreender o processo de escolarização pela perspectiva inclusiva de estudantes com TEA de uma escola estadual em Minas Gerais na pandemia de COVID-19 por meio de entrevistas. Com isso, percebeu-se que os estudantes se dispersaram facilmente no ensino remoto, demandaram mais participação materna na escolarização e a família se tornou o eixo principal no processo de escolarização desses estudantes, trazendo mais segurança.

Ainda no contexto de escolarização, o trabalho de Pimentel (2022) investiga a relação de dois estudantes com TEA com a pandemia de COVID-19 em um município na Bahia, além disso, o estudo envolveu seus pares como familiares, educadores e gestores. A partir da análise, percebeu-se que as dificuldades já existentes pré-pandemia de COVID-19 se tornaram ainda mais profundas, incluindo a dificuldade para adaptação ao ensino remoto. Devido a isso, as crianças acabaram somente fazendo trabalhos impressos dados pelas escolas, mostrando uma falta de inclusão em si e distorção da realidade dos outros colegas, o que evidencia a fragilidade do ensino.

Em complemento, o trabalho de Baldan (2023) objetiva analisar as interações de um estudante com TEA, sua professora de AEE e a sua mãe, ou seja, qual a relação estabelecida entre eles no seu processo de aprendizagem durante a pandemia de COVID-19. Percebeu-se que a pandemia de COVID-19 pode trazer consequências para além do período pandêmico e observou-se que esse período trouxe estresse emocional principalmente ao estudante.

Ademais, o trabalho de Dalvi (2021) visa compreender as especificidades de aprendizagem de estudantes com autismo e as práticas pedagógicas significativas no contexto escolar. O estudo ressalta que as possibilidades na escolarização do aluno com TEA surgem a partir do momento em que se consideram suas singularidades e potencialidades, e isso se soma às atividades, mas sem tirá-lo de seu contexto e de seus conteúdos a serem aprendidos, pois a escola é um ambiente historicamente rico em cultura e afastar o aluno com atividades adaptadas para uma realidade estrita é afastá-lo da própria cultura e de seu direito de ser educado.

Ainda na perspectiva inclusiva, o trabalho de Rocha (2021) não deixa claro quais são as perguntas norteadoras e os objetivos da pesquisa, mas dá-se a entender que é compreender as ações pedagógicas para inclusão de estudantes com TEA na Educação Infantil em um município do Espírito Santo. A pesquisa mostrou que apesar dos docentes procurarem ações para atendimento e ensino-aprendizagem desses estudantes, não depende somente do professor, há fatores externos a eles que interferem na questão da inclusão, como a estrutura familiar e como essa família lida com o diagnóstico da criança, a estrutura da escola para criar um ambiente lúdico para a Educação Infantil e o próprio sistema educacional que limita em parte as ações do educador.

Por outro lado, o trabalho de Omena (2021) enfoca as dificuldades das pessoas com TEA no que se refere à linguagem funcional. O significado de linguagem se constitui culturalmente e com frequência escapa de nosso controle (Marcondes, 2017). Dessa forma, é possível indagar sobre como é possível definir que existe uma linguagem “funcional” e uma “disfuncional” somente por que não está na norma? É necessário destacar que essa nomenclatura normaliza segregações. Não é somente porque uma pessoa com TEA possui dificuldade em comunicação que não tem uma linguagem funcional. Excluir diferentes tipos de linguagem e comunicação é fazer um apagamento histórico de conquistas e possibilidades que as pessoas com deficiência necessitam.

O trabalho de Souza (2022) é o único trabalho que busca analisar a escolarização de estudantes com TEA em uma classe especial localizada em um município no Rio de Janeiro. O estudo mostrou que algumas famílias sequer conseguiram ter acesso às tecnologias para desenvolver atividades. Foram destacadas a falta de políticas educacionais para o ensino remoto e a impossibilidade de avaliar o processo de ensino e aprendizagem devido às fragilidades das condições socioeconômicas.

Por fim, o trabalho de Dos Santos (2023) é o único que aborda uma matéria de língua estrangeira, neste caso, a língua espanhola, mas ainda assim na sala regular de ensino de uma escola privada para se analisar as interações entre estudantes com TEA, professores, e estudantes não autistas. Entretanto, o estudo não mostra o que se conclui dessas interações, nem empecilhos ou possibilidades trazidos pela pandemia de COVID-19.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a história de definição do autismo é marcada por incertezas e afirmações falaciosas com tendências discriminatórias e limitadoras de desenvolvimento, que tendem a implementar práticas de exclusão e segregação social. Além disso, devido à primeira descritora da condição ser uma mulher e judia, houve um apagamento histórico que também prejudicou posteriormente o diagnóstico de meninas e mulheres autistas (Da Silva, 2025).

Além disso, percebe-se que não é a deficiência por si que define as possibilidades ou impossibilidades de aprendizagem e de participação social, mas o modo como a deficiência é socialmente interpretada e as condições sociais concretas de vida. Apesar de o TEA ter particularidades de possíveis causas biológicas e genéticas, para Vigotski (1997) o que de fato determina o desenvolvimento de uma criança é a cultura em que está inserida.

Para De Laplane (2018), Dainez (2014) e Dainez e Smolka (2016), deve-se considerar as possibilidades educacionais, ou seja, as ações pedagógicas devem investir na potencialidade dos processos de desenvolvimento cultural e na promoção da participação da pessoa com deficiência nas práticas sociais. Pois, a partir do momento em que o sujeito se apropria da cultura, ele se torna histórico-cultural e tem possibilidade de intervir no meio social.

Nesta perspectiva, o *lócus* de desenvolvimento das pessoas com deficiência é o meio social e escolar, organizado de modo a promover processos de apropriação da cultura e participação da prática social, em que pode ser um *lócus* de construção e reconstrução de tendência a estigmatizar ou a desmistificar visões limitantes acerca do autismo, pois a escola é composta de possibilidades e pluralidades, em que se pode realizar o improvável e imprevisível (Santos; Macedo; Mafra, 2022).

São muitos os desafios para efetivar a escola como direito de todos e esses foram intensificados no contexto pandêmico, como demonstram grande parte dos estudos analisados. A defesa da educação escolar pública para as pessoas com deficiência é um movimento muito importante no Brasil e demanda muita luta por ser um espaço de disputas e embates políticos.

Chama-se a atenção para que o déficit não seja o enfoque, e sim as potencialidades a serem exploradas, considerando as crianças autistas como sujeitos capazes de aprender de um modo singular, com apoio do professor e seus pares (Da

Cruz, 2009), pois todos possuem saberes válidos e valiosos a serem conhecidos e reconhecidos como condição para uma proposta educativa libertadora.

Para Dos Santos e De Oliveira (2018), percebe-se que o professor muitas vezes passa os conteúdos de modo a agir naquilo que os estudantes já sabem ou limitando novas funções psíquicas que poderiam ser desenvolvidas; tornando-se, assim, um agente que impede parte do desenvolvimento cultural e reforça estigmas sociais.

Para combater esses tipos de situações, há possibilidade, dentro do ambiente escolar, de práticas pedagógicas que promovam a mediação e a atribuição de sentido às ações do aluno com TEA, que busquem a interação entre pares com o intuito de promover comunicação, trocas e quebrar estigmas do TEA (Martins; Monteiro, 2019).

Em relação à pandemia de COVID-19 e pessoas autistas, "[…] é possível dizer que essa população já vivia, de certo modo, um contexto de isolamento social, decorrente de inúmeras circunstâncias de exclusão explícitas ou não." (Da Cunha Pestana; Kassar, 2021, p. 13). Além disso, as desigualdades sociais e estruturais são o principal fator do fracasso do ensino remoto, que, como visto em parte dos trabalhos analisados, tem sua responsabilidade transferida aos pais e cada vez mais aos professores.

Para sanar os prejuízos da pandemia de COVID-19 relacionados à educação, ocorreu a Proposta de Parecer do Conselho Nacional de Educação (2020) em que houve as seguintes sugestões (Brasil, 2020*):*

> • aulas gravadas pela televisão organizadas pela escola de acordo com o planejamento de aulas e conteúdos ou via plataformas digitais de organização de conteúdos;
> • sistema de avaliação realizado a distância sob a orientação das escolas e dos professores e, quando possível, com a supervisão dos pais acerca do aprendizado dos seus filhos;
> • lista de atividades e exercícios, sequências didáticas, trilhas de aprendizagem por fluxo de complexidade relacionadas às habilidades e aos objetos de aprendizagem;
> • orientações aos pais para realização de atividades relacionadas aos objetivos de aprendizagem e habilidades da proposta curricular;
> • guias de orientação aos pais e estudantes sobre a organização das rotinas diárias;
> • sugestões para que os pais realizem leituras para seus filhos;
> • utilização de horários de TV aberta para levar programas educativos compatíveis com as crianças desta idade e orientar os pais para o que elas possam assistir;
> • elaboração de materiais impressos compatíveis com a idade da criança para realização de atividades (leitura, desenhos, pintura, recorte, dobradura, colagem, entre outros);
> • distribuição de vídeos educativos (de curta duração) por meio de plataformas on-line, mas sem a necessidade de conexão simultânea seguidos de atividades a serem realizadas com a supervisão dos pais;

> • realização de atividades on-line síncronas, regulares em relação aos objetos de conhecimento, de acordo com a disponibilidade tecnológica; • oferta de atividades *on-line* assíncronas regulares em relação aos conteúdos, de acordo com a disponibilidade tecnológica e familiaridade do usuário;
> • estudos dirigidos com supervisão dos pais;
> • exercícios e dever de casa de acordo com os materiais didáticos utilizados pela escola;
> • organização de grupos de pais por meio de aplicativos de mensagens instantâneas e outros conectando professores e as famílias;
> • guias de orientação às famílias e acompanhamento dos estudantes.

Mesmo com tais medidas, o ensino na pandemia de COVID-19 tornou-se algo desafiador, pois não havia condições objetivas e adequadas para o ensino remoto, que foi "[...] uma estratégia para manter o período letivo" (Souza; Dainez, 2020, p. 3). Ou seja, foi algo criado especificamente para o período da pandemia de COVID-19, tornando-se um impasse para solucionar questões mais amplas que atravessam a educação básica brasileira.

Da Cunha Pestana e Kassar (2021) afirmam que todas as estratégias criadas geraram uma sobrecarga ao professor que tinha que lidar com as demandas do Ministério da Educação (MEC) e da própria escola, e parte dessa responsabilidade foi passada para os pais, que já possuíam as incertezas financeiras e de como educar seus filhos, causando uma sobrecarga emocional, física e mental. Não basta somente garantir o acesso às tecnologias, é necessário que o docente tenha uma formação para que seja capaz de utilizar tais tecnologias.

Por fim, além da sobrecarga de tarefas aos docentes e pais, a pandemia de COVID-19 acentuou problemas educacionais enfrentados pela gestão da época, como:

> estrutura curricular pautada em conteúdos mínimos, avaliações padronizadas em larga escala e melhoria da escola pela via de uma gestão gerencial sustentada pelas teorias de responsabilização, de avaliações externas e do uso de tecnologias (Souza; Dainez, 2020, p. 3).

De fato, o ensino remoto não substitui nem anula o ensino presencial, mas a partir dele resultaram estratégias para um ensino voltado ao uso de tecnologias. É necessário ressaltar que nem todas as escolas e professores têm acessos a esses recursos, mas numa era tecnológica, essas estratégias fazem diferença (Costa; Picharillo; Elias, 2023).

Além disso, apesar da política estratégica para ensino remoto, era e ainda é necessário políticas públicas que lidem com os problemas sociais existentes pré-COVID e pós-COVID para que as desigualdades sociais sejam reduzidas. As leis e marcos existentes, como Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA), a Declaração de Salamanca, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146, e afins são extremamente necessários para pessoas com deficiência e público-geral, entretanto:

> [...] a despeito das evoluções no discurso, na atualidade constata-se que, para uma estimativa de cerca de seis milhões de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, cerca de 800 mil matrículas, considerando o conjunto de todos os tipos de recursos disponíveis, ou seja, desde os matriculados em escolas especiais até os que estão nas escolas comuns. A grande maioria dos estudantes com necessidades educacionais especiais está fora de qualquer tipo de escola (Mendes, 2010, p. 106).

Outro ponto, é que as crianças com TEA ficaram afastadas não somente do ambiente escolar, mas também de suas terapias, consultas e fisioterapias, tornando-se um prejuízo não somente na alfabetização e letramento, mas também no desenvolvimento integral dessas crianças (Cardoso; Taveira; Stribel, 2021).

De acordo com Costa, Picharillo e Elias (2023) uma possibilidade encontrada de subsidiar os processos educacionais foi promover cursos com familiares de crianças com TEA, em que eram compartilhadas estratégias e a utilização de recursos disponíveis para auxiliar as crianças no contexto de ensino remoto emergencial.

Outros caminhos para a escolarização de estudantes com TEA no ensino remoto poderiam ser a criação de um espaço específico para estudo, para que se assemelhe à escola, mas que a casa em si, ainda tenha os valores de descanso e brincadeira, e isso não se limita somente a estudantes com deficiência (Souza; Dainez, 2020), pois acessibilidade e adaptações auxiliam a todos.

Por fim, apesar de todos os empecilhos gerados pela pandemia de COVID-19, diversos estudos analisados relataram diferentes possibilidades a partir desses entraves, como a criação de um espaço específico para estudo dentro de casa, a mediação e atribuição de sentido às ações do aluno com TEA por parte da família e escola que valorizem as potencialidades desses estudantes, são caminhos que podem se adequar não somente à pandemia de COVID-19, mas auxiliar o aluno com TEA e sua inclusão no dia-a-dia no período pós-pandemia de COVID-19. Além disso, é necessário compreender que há uma conjuntura de ações em esfera pública e esfera micro como de ações da própria escola, professores e familiares, que contribuíram para minimizar as sequelas da pandemia de COVID-19 no processo de escolarização de estudantes com TEA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda Ramos et al. Impactos da Pandemia no Desenvolvimento da Criança com TEA: uma Revisão Sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e0131, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/3nySJFJWwvwybVpHrfDxvFN/. Acesso em: 31 mai. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. **Porto Alegre: Artmed**, 2015. Disponível em: http://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

ANDRIGHETTO, Aline; GOMES, Fernanda Fagundes Ribeiro. Direitos do Portador de Transtorno do Espectro Autista: políticas públicas de inclusão escolar sob a ótica da Lei Federal n. 12.764/2012. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/download/52277/29122/231921. Acesso em: 07 ago. 2025.

BALDAN, Rosana Kelly. “Vai dar tudo certo” Uma perspectiva interacional de encontros de Atendimento Educacional Especializado em formato on-line voltado para estudantes autistas. 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSP_0b301dc7a745390e72ca0a953b2e0b73. Acesso em: 20 mai. 2025.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im) possibilidades. **Revista encantar**, v. 2, p. 01-11, 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480. Acesso em: 21 abr. 2025.

BARREYRO, Gladys Beatriz; SANTOS, Poliana Pereira dos; FERREIRA, Flávio Batista. Rankings acadêmicos internacionais nas mídias de duas universidades de pesquisa brasileiras. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, n. 03, p. 822-844, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/aval/a/zmpqBP9NtRMNmVCfLqbZqKP/. Acesso em: 03 jun. 2025.

BELASCO, Fabiane Cristine. Ensino de ciências para estudantes com transtorno do espectro do autismo durante a pandemia de covid-19: contribuições de um pequeno

grupo de pesquisa com professoras. 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RZrdySFY77WDrPfzRUdsz4Jp2EY3f9KH/view. Acesso em: 20 mai. 2025.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S/abstract/?lang=pt. Acesso em: 21 out. 2024.

BITTENCOURT, Aline Lourenço et al. Crianças com TEA lidando com a pandemia, no Colégio Pedro II: mitos, verdades e a percepção de responsáveis à luz da Teoria da Autopoiese. 2023. Tese de Doutorado. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/comun/article/view/9632. Acesso em: 20 mai. 2025.

BITENCOURTE, Andreia Domingues. Ensino de ciências na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma perspectiva inclusiva. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7587?show=full. Acesso em: 20 mai. 2025.

BOUFLEUR, Emne Mourad et al. Famílias de crianças com transtorno do espectro do autismo: implementação e avaliação de um programa de apoio para inclusão escolar. 2021. Disponível em: https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-DOUTORADO-EDUCACAO/Teses%20Defendidas/EmneMouradBoufleur%20-%20Tese.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

BRANDENBURG, Laude Erandi; LÜKMEIER, Cristina. A história da inclusão x exclusão social na perspectiva da educação inclusiva. In: Anais do Congresso Estadual de Teologia. 2013. p. 175-186. Disponível em: http://anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/191. Acesso em 9 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Nota Técnica nº 32/2020/CGLNEM/DIRNEB/SEB/MEC. Orientações para a realização de atividades pedagógicas não presenciais. Brasília, DF: MEC, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/arquivos/documentos/nota-tecnica-mec-32-02062020.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

CARDOSO, Alessandra Andrade; TAVEIRA, Gustavo Diniz de Mesquita; STRIBEL, Guilherme Pereira. Educação especial no contexto de pandemia: reflexões sobre políticas educacionais. Revista Teias, v. 22, n. 65, p. 510-518, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052021000200510&script=sci_arttext. Acesso em: 31 mai. 2025.

CARMO, Adriana Fernandes do. Transtorno do espectro autista e matemática: mediações para o ensino e aprendizagem nos anos iniciais durante a pandemia. 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_f0a252e589f031ea3c2fe517081cae8c. Acesso em: 20 mai. 2025.

CARVALHO, Laura. Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado. Todavia, 2020. Disponível em: https://dokumen.pub/curto-circuito-o-virus-e-a-volta-do-estado-em-portugues-do-brasil-6556920118-9786556920115.html. Acesso em: 12 out. 2025.

COELHO, Rossana; TADEU, Bárbara. A importância do brincar na educação de infância. 2015. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/b03404ae-e72f-4bde-b792-f67042fc9395. Acesso em: 02 fev. 2025.

CORRÊA, Pedro Henrique. O autismo visto como complexa e heterogênea condição. 2017. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/physis/2017.v27n2/375-380/pt/. Acesso em: 14 out. 2024.

COSTA, Ailton Barcelos da; PICHARILLO, Alessandra Daniele Messali; ELIAS, Nassim Chamel. Efeitos da pandemia de Covid-19 na educação de indivíduos com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 29, p. e0226, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/jWsHprLXRSJGzbsPdgWcWmk/. Acesso em: 31 mai. 2025.

COSTA, Giovanna Vieira *et al*. Impacto da pandemia da COVID-19 em crianças com transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 2, p.

8271-8284, 2023. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/59192. Acesso em: 31 mai. 2025.

COSTA, Giseli Aparecida Cavalcanti. O estudante do tea e suas especificidades: linguagem, mediação e inclusão escolar na pandemia. 2022. Disponível em: http://siteadmin2.uem.br/profletras/imagens/dissertacao-de-defesa-de-mestrado-giseli-aparecida-cavalcanti-costa.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

COSTA, Lorinisa Knaak. Encontando–um canal colaborativo: inclusão, autismo, histórias e matemáticas. 2022. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/99edf109-1154-4b39-84da-61f9cdbbaf5b. Acesso em: 20 mai. 2025.

COURY, Layla Mariana Sucini et al. Autismo e estratégias para o ensino da matemática: um estudo de caso nos anos iniciais do ensino fundamental. 2022. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) -Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. 94p. http://www.ppgeb.cap.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/Dissertacao-Layla-Mariana-Sucini--Coury-revisao-concluida.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

CRUZ, Isabella Maria Buoro da. O ensino de ciências para estudantes autistas em tempos de pandemia. 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_38321837d26b22b4b91fb68b773ff3d8. Acesso em: 20 mai. 2025.

CZECH, Herwig. Hans Asperger, national socialism, and “race hygiene” in Nazi-era Vienna. **Molecular autism**, v. 9, n. 1, p. 1-43, 2018. Disponível em: https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-018-0208-6. Acesso em: 14 out. 2024.

DA CUNHA PESTANA, Mônica Mendes; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Educação em contexto de pandemia: breves reflexões. **Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade–RIET**, v. 2, n. 2, p. 22-37, 2021. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/riet/article/view/14561. Acesso em: 31 mai. 2025.

DA SILVA, Michele Maria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Glênio Oliveira. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2021. Disponível em: https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45. Acesso em: 31 mai. 2025.

DA SILVA, Emanuella Domingues. MENINAS E MULHERES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE (AUTO)BIBLIOGRÁFICA. In: Semana Científica do Agreste Pernambucano. Anais...Garanhuns (PE) Universidade de Pernambuco - UPE, 2025. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/secap/1032142-meninas-e-mulheres-com-transtorno-do-espectro-autista-e-a-educacao--uma-analise-(auto)bibliografica. Acesso em: 12 out. 2025.

DA CRUZ, Talita Souza Umbelino Rodrigues. Acompanhamento da experiência escolar de adolescentes autista no ensino regular. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. Disponível em: https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/visualiza.php?cod=NTU2. Acesso em: 12 out. 2025.

DAINEZ, D. Constituição humana, deficiência e educação: problematizando o conceito de compensação na perspectiva histórico-cultural. 2014. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/206261/constituicao-humana-deficiencia-e-educacao-problematizando. Acesso em: 10 out. 2024.

DAINEZ, D.; SMOLKA, A. L. B. Vygotskian-Inspired Research on the Developmental Implications of Organic Impairment. Mind, Culture, and Activity, 2016, 24:4, 324-337. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10749039.2016.1181183?journalCode=hmca20. Acesso em: 10 out. 2022.

DALVI, Daiana Alves de Jesus. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM AUTISMO: CAMINHOS ALTERNATIVOS E PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR. 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES_18bde525ddeea68416b0516c601f4613. Acesso em: 20 mai. 2025.

DE CARVALHO, Aliny Lamoglia. Autismo: a discussão de um paradoxo?. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 664-675, 2011. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844635019.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

DE FREITAS, Sanary Dias; DE SOUZA, Pedro Ramon Pinheiro. Educação inclusiva de crianças autistas na rede pública de ensino regular. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 65209-65227, 2021. Disponível em:

https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32225. Acesso em: 10 out. 2024.

DE LAPLANE, Adriana Lia Friszman. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola. **Horizontes,** v. 36, n. 3, p. 111- 120, 2018. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/709. Acesso em: 10 de out. 2024.

DE LIMA, Yago Melo. “Nós precisamos um do outro”: reflexos das relações entre escola e mães de adolescentes com autismo em sua escolarização na pandemia de covid-19. 2021. Disponível em: https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2024/06/DISSERTACAO-PPGED-Yago-Melo-de-Lima.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336. Acesso em: 25 abr. 2025.

DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle; DE ABREU, Adams Ricardo Pereira. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero-a-seis**, v. 23, n. 2, p. 101-124, 2021. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8121800. Acesso em: 01 jun. 2025.

DOS SANTOS, Emilene Coco; DE OLIVEIRA, Ivone Martins. Meios auxiliares e caminhos alternativos: o aluno com autismo e a prática pedagógica. **Horizontes**, v. 36, n. 3, p. 121-133, 2018. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/692. Acesso em: 18 out. 2024.

FERREIRA, Beatriz Rodrigues. Percepção de famílias quanto à escolarização de indivíduos com transtorno do espectro autista. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://web.archive.org/web/20221103142742id_/https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5170/tde-23092022-123652/publico/BeatrizRodriguesFerreiraVersaoCorrigida.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

FOUCAULT, Michel; DE JANEIRO, Rio; **GRAAL, Edições**. 1984. 1970. Disponível em: https://psicologianosuas.com/wp-content/uploads/2012/04/livro_cidadania_e_participacao_social.pdf#page=87. Acesso em: 01 jul. 2025.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Disponível em: https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. Contribuições da fenomenologia da percepção para compreender a corporeidade de pessoas com autismo. **Educação e Filosofia**, v. 32, n. 65, p. 463-492, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/educfil/v32n65/1982-596X-educfil-32-65-463.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 3, 2002. Disponível em: https://sgcd.fc.unesp.br/Home/helber-freitas/tcci/gil_como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-anto.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

GIRÃO, Adriana Kelly Gomes. Autonarrativas no encontro com pedagogas de morada nova ce: uma experiência de promoção da educação inclusiva de crianças com diagnóstico de autismo. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/6693. Acesso em: 20 mai. 2025.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. Educar em revista, p. 61-79, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/y6FM5GNKBkjzTNB48zV4zNs/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 set. 2025.

LARA, Janaina Vieira. Ensino de Ciências: estratégias metodológicas voltadas para estudantes com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8496. Acesso em: 20 mai. 2025.

LIMA, Alexandre de Carvalho. Tecnologia educativa sobre os impactos da pandemia de Covid-19 no desenvolvimento psicomotor e aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista. 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/70438. Acesso em: 20 mai. 2025.

LEHMKUHL, Márcia. Políticas de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva e rede privada de atendimento como movimento social. **Extensão em Foco (ISSN: 2317-9791),** p. 66-82, 2021. Disponível em: https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/extensao/article/view/2650. Acesso em: 01 set. 2025.

MARCONDES, Danilo. As armadilhas da linguagem: significado e ação para além do discurso**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras**, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=eXDTDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=linguagem+significado&ots=1NCPYITuBf&sig=yvS2m53fBVLfGWmrj31gd_v35co&redir_esc=y#v=onepage&q=linguagem%20significado&f=false. Acesso em: 18 jun. 2025.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Bacelar. Interações de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Comunicações**, v. 25, n. 3, p. 271-291, 2019. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/3777. Acesso em: 10 out. 2024.

MAS, Natalie Andrade. Transtorno do espectro autista-história da construção de um diagnóstico. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-%20191739/publico/mas_me.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

OLIVEIRA, Marines Andreazza de et al. Plano educacional individualizado e sua importância para a inclusão de crianças autistas. 2020. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5297. Acesso em: 20 mai. 2025.

OMENA, Leise Cecília de. A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita. 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/d095f276-c934-4f05-aaa1-1b6569437a0e. Acesso em: 20 mai. 2025.

PEGORARO, Viviane. A inclusão de estudantes autistas no ensino remoto: uma proposta de ensino de conceitos relativos a ângulos. 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM_f8cfd37f1406b405c813251ef8be22ce. Acesso em: 20 mai. 2025.

PIMENTEL, Laine dos Santos et al. Sujeitos autistas e a escola em tempos de pandemia: perspectivas em diálogo. 2022. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36434. Acesso em: 20 mai. 2025.

POZZI, Cristina Maria; DOS SANTOS RIESGO, Rudimar; JUNIOR, Francisco Baptista Assumpção. Revisiting the history of autism before Kanner and Asperger: a tribute to Grunya Sukhareva. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 82, n. 08, p. 001-003, 2024. https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/pdf/10.1055/s-0044-1788269.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

RIBEIRO, Joane Lopes. Tecnologia Assistiva e Atendimento Educacional Especializado para estudantes com autismo na pandemia. 2023. Disponível em: http://repositorio.ufpi.br:8080/handle/123456789/3310. Acesso em: 20 mai. 2025.

ROCHA, Maria da Penha Machado. A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA DO DOCENTE. 2021. Disponível em: https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/1357. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTOS, Élida Cristina da Silva de Lima et al. A articulação entre o atendimento educacional especializado e a educação infantil na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: um estudo realizado em escolas públicas do município de Salvador. 2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37705. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTOS, Joe Bruno Alves dos. Competência Interacional e Autismo: análise multimodal de interações em sala de aula regular. 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSP_0ffcb8fe04cea0840b2e8ee33adccf56. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTOS, Régia Vidal; MACEDO, Eunice; MAFRA, Jason Ferreira. Autismo na escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 103, p. 466-485, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JSGZmmfYRmnxkjd5Q8Ckzcx/abstract/?lang=pt. Acesso em: 21 out. 2024.

SILVA, Laíny. Ideias hegemônicas na história do autismo: Hegemonic ideas in the history of autismo. **REVHIST-Revista de História da UEG**, v. 14, n. 1, p. e412506-e412506, 2025.

https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/15911. Acesso em: 21 abr. 2025.

SILVEIRA, Ana Cristina Soares Almendana. Práticas pedagógicas com estudantes autistas durante o distanciamento social: um estudo com professores que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental. 2022. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000095/000095a0.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

SOARES, Cíntia Helisa Freitas Cruz. Processo de escolarização na perspectiva da educação inclusiva de estudantes com transtorno do espectro autista em uma escola estadual de Muriaé/MG na pandemia. 2023. Disponível em: https://locus.ufv.br/items/2b7480af-137d-4a06-a95c-423120f3844d. Acesso em: 20 mai. 2025.

SORIANO, Fernanda Dias Ferraz. Autoeficácia e a percepção de professores de educação infantil sobre sua formação e atuação com crianças com Transtorno do Espectro Autista. 2022. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/d56bf0c8-cd59-4527-8378-20aaf21f8886. Acesso em: 20 mai. 2025.

SOUZA, Flavia Faissal de; DAINEZ, Débora. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Praxis educativa**, v. 15, 2020. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092020000100169&script=sci_arttext. Acesso 31 mai. 2025.

SOUZA, Roberta Pereira Vieira de et al. O ensino remoto com estudantes com transtorno do espectro autista em tempo de pandemia da Covid-19. 2022. Disponível em: https://gedh-uerj.pro.br/wp-content/uploads/tainacan-items/13783/14176/Dissertacao-Roberta-Pereira-Vieira-de-Souza-2022-Completa.pdf. Acesso em: 20 mai. 2025.

VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre Dalla. Interação escola-família no processo de ensino de crianças com transtorno do espectro autista (tea) em tempos de pandemia. 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/78031. Acesso em: 20 mai. 2025.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez.

2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 out. 2025.